

A CARTA AOS EFÉSIOS A PARTIR DO PODER E DA AUTORIDADE

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm

freioton@gmail.com

Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional¹

O livro proposto para o mês da Bíblia deste ano é a Carta aos Efésios, comumente associada ao Apóstolo Paulo, mas que faz parte dos chamados escritos deuteropaulinos, cujo autor deve ter sido um discípulo, um colaborador do Apóstolo das Gentes ou uma escola que conhecia a tradição paulina por meio de suas cartas autênticas (cf. SAB, 2023, p. 8). O período em que foi escrita nos remete ao final do século, quando a organização da Igreja já estava mais consolidada, a comunidade continua a conviver com antigos problemas internos, bem como outros que se apresentam. Como se não bastassem as tensões do grupo, há uma grande potência ameaçadora representada pelo Império Romano que infligirá grande perseguição aos cristãos anos mais tarde. Não vamos aqui aprofundar essas questões de contexto e de bastidores, uma vez que outras pessoas muito mais bem preparadas já o fizeram e que agora no mês da Bíblia nos apresentam toda a profundidade de seus estudos.

A riqueza da interpretação de textos possibilita diferentes olhares para expressões semelhantes. Nesta oportunidade, com liberdade interpretativa, mas na tentativa de fidelidade textual, sugerimos uma leitura da carta os Efésios a partir das relações humanizadoras, assunto este que vem sendo um dos principais da Vida Religiosa Consagrada. Efésios pode nos ajudar a lançar luzes para as relações de poder, de autoridade, de consciência, que muitas vezes desembocam nas questões relacionadas à sexualidade. A experiência e as exortações do passado podem ser inspiradoras para o presente, com as devidas proporções.

O próprio lema escolhido para o mês da Bíblia de 2023 já indica a possibilidade de uma leitura com este enfoque: “vestir-se da nova humanidade” (Ef 4,24), a qual deverá ser mais respeitosa e colhedora, de ajuda, sob a plenitude de Cristo, que encabeça todas as coisas que estão nos céus e na terra (Ef 1,10).

Para atualizar alguns assuntos, vamos recorrer ao magistério do Papa Francisco, sobretudo da *Amoris Laetitia* e *Fratelli Tutti*, sobre o amor na família, bem como o contexto do Sínodo que acontecerá a pouco.

A arte do elogio

Após apresentar o conhecido hino em que bendiz a Deus pela bênção concedida por meio de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 1,3-14), a carta prossegue elogiando a comunidade: “tendo ouvido a respeito da vossa fé no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus a vosso respeito e de fazer menção de vós nas minhas orações (1,15).

¹ Agradeço as preciosas contribuições de meus/minhas colegas da Equipe Interdisciplinar, sempre pertinentes e convidativas.

O primeiro ensinamento que a carta nos apresenta é dirigir-nos às pessoas não simplesmente para pedir algo, para criticá-las, mas para elogiá-las. Muitas vezes nós damos por suposto que o bom comportamento, as coisas bem feitas não carecessem de ser elogiadas, incentivadas. Porém, se nos dirigimos às pessoas somente para criticá-las quando falharem, a balança ficará desequilibrada. Isto não significa fazer as coisas somente em busca do elogio, pois muitas de nossas ações serão feitas de forma gratuita, independente se serão ou não valorizadas pelos demais, mas certamente que o elogio é um instrumental importante para reconhecer os talentos, o esforço do que foi feito, e servirá de incentivo para as próximas vezes.

Francisco, ao se dirigir às famílias destaca: “as alegrias mais intensas da vida surgem, quando se pode provocar a felicidade dos outros, numa antecipação do Céu. (...) É algo que produz um verdadeiro júbilo, “efeito do amor fraterno, não é o da vaidade de quem olha para si mesmo, mas o do amante que se compraz no bem do ser amado, que transborda para o outro e se torna fecundo nele” (*Amoris Laetitia*, n. 129).

A plena autoridade e poder de Cristo

Em muitos superiores e superioras existem posturas de se colocarem quase como ‘semideuses’, cuja vontade deverá ser obedecida cegamente, uma vez que eles são enviados diretos de Deus para os demais membros da comunidade. Isto pode ser lido como um pecado de usurpação, em que a pessoa não se coloca em pé de igualdade com os demais, no discernimento coletivo constante da vontade do Senhor Deus, mas numa iluminação ‘beatífica’ que se impõe de forma autoritária sobre as demais pessoas.

Neste sentido, é muito significativo quando a Carta aos Efésios apresenta Cristo ressuscitado dentre os mortos, assentado à direita do Pai “muito acima de qualquer principado, autoridade e poder e soberania e de todo o nome que se pode nomear” (1,21). Desta forma, há um reconhecimento de que acima de qualquer autoridade e poder está o Senhor Ressuscitado e nenhuma outra autoridade está em pé de igualdade com a excelsa grandeza de Deus. De nossa parte, lideranças e liderados estamos em caminho, em discernimento constante por entender e cumprir a vontade do Senhor.

O poder misericordioso de Deus

O poder de Deus se manifesta como misericórdia, que assume a fragilidade humana e a vivifica, a ressuscita, nos fazendo assentar nos céus, de modo gratuito, no puro dom da graça de Deus, de modo que não possamos nos orgulhar de nossas próprias forças, mas que acolhê-la como dádiva junto com as criaturas (cf. Ef 2,1-10). Assim recordou o Papa Francisco: “É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onipotência. (...) É por isso que a liturgia, numa das suas coletas mais antigas, convida a rezar assim: Senhor, que dais a maior prova do vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis... Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso” (*Misericordiae Vultus*, 2015).

Na vida comunitária, uma postura de humildade será sempre bem-vinda, sobretudo da parte das lideranças, que se consideram pequenas perante o Senhor Deus e o projeto carismático ao qual representam. O lugar da autoridade tende a ser encharcado de vaidades e de competições. Reconhecer a primazia de Deus sobre as ações e discernimentos nos faz admitir nossa pequenez, a qual, ao contrário de ser uma atitude inferiorizada, sabe da presença atuante de Deus a nos erguer: “Senhor, eu não sou digno (...), mas disse uma palavra e serei salvo”.

O problema das relações humanas não está em ter ou não ter poder, mas na forma como exercê-lo. Poder tem a ver com a maneira como impactamos as pessoas. Pensemos num bebê numa família: tão frágil e tão poderoso às três da manhã ao soltar seus berros!

No caso do Senhor Deus, este poder se manifesta como criação (Gênesis) e como abraço misericordioso que reconhece a fragilidade das pessoas. Ao contrário de humilhá-las por sua condição, as eleva, evidenciando sua dignidade. O poder de Deus é um poder que se abaixa, a fim de ajudar as pessoas a se levantarem e se sentirem dignas de seu amor.

O verdadeiro encontro com o poder misericordioso de Deus integra as pessoas e as faz sentir à vontade perante sua presença: “vós que outrora estáveis longe fostes trazidos para perto pelo sangue de Cristo” (2,13). De igual modo, o poder de Deus é exercido na arte da reconciliação, ao derrubar o muro de separação, criando um ser humano novo, estabelecendo a paz, matando a inimizade (2,14-16).

Aqui está uma função que não se restringe ao agir de Deus, mas se entende na comunidade como um todo: a capacidade de derrubar muros, superar as desavenças, investir no que une. Infelizmente, não são poucas as situações em que muros são construídos, ao invés de derrubados.

Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), insistiu muito na importância de derrubar os muros da inimizade. Ao dizer das “sombras de um mundo fechado” (capítulo 1), diz: “reaparece a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta alteridade” (Fratelli Tutti, n.27). E conclama: “Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (Fratelli Tutti, n.284). Pensar em relações humanizadoras tem tudo a ver com o que fazemos com nossos muros!

A misericórdia é um dos principais temas do pontificado de Francisco, o qual dedicou um Ano jubilar (2015-2016) e vem insistindo para que a misericórdia seja a grande marca da vida cristã. Porém, o Papa chama a atenção: “Não podemos esquecer que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco” (*Amoris Laetitia*, n. 310). Que Deus seja misericordioso é algo que acolhemos bem. Resta saber se seus filhos e filhas também o são e a vivem.

Todos temos acesso ao Pai, pelo Espírito, de forma que já não há mais estrangeiros, mas todos somos concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Todos estamos edificados sobre o fundamento dos

apóstolos e profetas, tendo Cristo Jesus como Pedra Angular (2,20), ou seja, não há mais privilégios perante Deus, mas todos fazem parte deste edifício, cuja pedra fundamental é o próprio Senhor.

O autor da carta afirma que eles foram integrados na Igreja sobre os fundamentos dos Apóstolos e dos Profetas. Isso é diferente do proposto em 1Cor 3,11, ao dizer que Jesus Cristo é o fundamento, e reflete a preocupação dos autores cristãos nos dois primeiros séculos em demonstrar a continuidade com a tradição apostólica, a fim de enfrentar os falsos doutores, alguns dos quais proclamavam revelações especiais como vindas do próprio Jesus. Os apóstolos citados aqui não se limitam aos Doze, nem os profetas equivalem aos do Antigo Testamento, “mas sim um grupo de cristãos especializados cujo ministério ainda era atestado na literatura Cristã muito depois de todos os apóstolos terem morrido” (HAVENER, 1999, p. 248).

O dom e a tarefa do encontro com Cristo

Paulo, a quem é atribuída a Carta aos Efésios, se mostra extasiado pela maneira como Deus integra a todos, não havendo mais privilégios e exclusões, mas tornando a todos como membros do mesmo Cristo e participantes da promessa, por meio do Evangelho (3,6). O Apóstolo se apresenta como o menor de todos os santos e assume a missão de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo como uma graça. Assim como a própria graça de Deus, que é capaz de dar novo ânimo e plenificar as pessoas, Paulo exorta a comunidade para não se deixar abater, ou seja: a sua liderança não é exercida de modo a pesar sobre seus liberados, como a envergar-los; pelo contrário: é uma exortação para manter a comunidade de pé, com a cabeça erguida, apesar das tribulações.

A boa liderança terá a tarefa de motivar, de inspirar os ânimos. Como no esporte, a função do treinador e do capitão do time é a de motivar os atletas de tal forma que possam superar as dificuldades da partida e esforçarem-se pela vitória. Numa orquestra, cabe ao regente a tarefa de integrar cada instrumento, para que a apresentação seja bela. Não faria sentido se o treinador ou o regente fossem os primeiros a desanimar o grupo, ou amedrontá-lo ainda mais, fazendo-o desacreditar de que a vitória ou a beleza da apresentação fossem possíveis.

Mais uma vez, Paulo se apresenta perante a grandeza do Pai, pondo-se de joelhos, a fim de que a comunidade sinta interiormente a presença do Espírito, a fim de compreender plenamente o amor de Deus, que excede todo o conhecimento, e que age infinitamente, além de tudo o que podemos pedir ou conceber (2,14-21).

Ser suporte uns para os outros

O capítulo 4 da Carta aos Efésios traz uma exortação a respeito da dignidade da vocação vivida com humildade e mansidão “suportando-vos uns aos outros, com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da Paz” (4,3), afinal, há um só corpo, um só espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e pai de todos que é sobre todos por meio de todos e em todos (cf. 4, 4-6). Em vez

de enfatizar os pontos de tensão da comunidade (que eram muitos!), o autor insiste em destacar os elementos que unem o grupo. Como se diz hoje em dia: deixar de lado o que nos divide e investir no que nos une. Na Igreja, não é demais enfatizar que o que nos une é a dimensão batismal, o chão comum de todos.

O processo sinodal, cuja primeira sessão se dará em outubro de 2023, ao se referir aos sinais “característicos de uma Igreja sinodal” destaca a dimensão batismal. Emerge, diz o texto, em todos os continentes, “a consciência de que uma Igreja sinodal se funda no reconhecimento da dignidade comum derivada do Batismo, que torna todos os que o recebem filhos e filhas de Deus, membros da família de Deus e, portanto, irmãos e irmãs em Cristo, habitados pelo único Espírito e enviados para cumprir uma missão comum”.

Porém, mais que envaidecer ou paralisar os fiéis, “o Batismo cria uma verdadeira corresponsabilidade entre todos os membros da Igreja, que se manifesta na participação de todos, com os carismas de cada um, na missão da Igreja e na edificação da comunidade eclesial”. E conclui: “uma Igreja sinodal não pode ser entendida senão no horizonte da comunhão, que é sempre também uma missão de proclamar e encarnar o Evangelho em todas as dimensões da existência humana” (*Instrumentum Laboris*, n. 20).

Mas, vamos nos deter na palavra ‘suportar’, geralmente associada à ideia de ‘tolerar’. Dizer que não se suporta alguém equivaleria a dizer que esta pessoa nos é intragável, demasiadamente chata. Porém, é preciso recordar do substantivo ‘suporte’: aquilo que é posto para que algo não caia, como um suporte de uma vela ou de um livro. É curioso que o texto diz “suportando-vos uns aos outros”, ou seja, não é um movimento unidirecional, mas mútuo, em que um encontra suporte no outro.

Certamente que uma das funções da autoridade será a de ser suporte para os demais, porém isto não faz da autoridade alguém forte o tempo todo para aguentar sozinho toda a carga da comunidade, como se se tratasse de um super-herói inquebrantável, capaz de escorar toda a fragilidade dos fracos ao seu redor. Quando a carta chama a atenção para suportar uns aos outros, coloca as relações em um nível de circularidade, de mútua colaboração, atenção e cuidado uns para com os outros: eu e você nos apoiaremos uns aos outros. Há momentos em que a autoridade também necessita de ser suportada, pois também é frágil. Hoje em dia, tem crescido a mentalidade de cuidar de quem cuida, afinal, no reino dos humanos todos somos frágeis e vulneráveis (*‘vulnus’* = ferida), mas graças a Deus podemos contar com irmãos e irmãs ao nosso redor, nas quais podemos encontrar o suporte necessário.

Edificar o corpo de Cristo na diversidade de dons

A Carta aos Efésios faz um jogo de palavras entre ‘subir e descer’ relacionado ao dom de Cristo: “tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, concedeu dom aos homens” (4,8). A partir daí, passa a enumerar algumas funções da comunidade, demonstrando a riqueza carismática, no dom do concedido por Cristo: Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Cada qual, como um tijolo na edificação do Corpo de Cristo “até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” (4,13a).

O reconhecimento dos diversos carismas e ministérios nas primeiras comunidades é um elemento bastante conhecido, demonstrando que aquilo que fortalece a comunidade não é a uniformidade, a cópia, ou a disputa,

mas a valorização de cada um no seu modo de ser e nos diferentes ministérios eclesiais, para a edificação do Corpo de Cristo, como podemos nos recordar em 1Coríntios 12 (um corpo com muitos membros).

A ideia seguinte diz de um crescimento gradual, que a própria palavra ‘edificação’ já indica. Há uma meta a ser atingida: “a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Ser Humano Perfeito a medida da estatura da plenitude de Cristo” (4,13). A imagem dessa construção, deste processo, continua no versículo seguinte em que a carta exorta a não continuarmos como crianças atingidas por tantas forças externas, “mas seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo, em direção Àquele que é a cabeça, Cristo” (4,15). Ao dizer de atingir a estatura de Cristo apresenta mais uma vez, de modo plástico, essa ideia de crescimento.

A carta descreve a importância do processo do amadurecimento, reconhecendo assim que ainda não chegamos à meta, mas estamos a caminho, em processo. Se somos crianças, adolescentes, jovens ou adultos no seguimento é uma questão que podemos nos propor, mas o convite é assumir a vida cristã como caminho, como processo, como crescimento, não como algo pronto e acabado, mas que se ‘edifica’ a cada dia.

Todo este processo de maturação pode ser simbolizado na expressão “revestir-se do Homem Novo, criado segundo Deus na justiça e santidade da verdade” (4,24). Dessa forma, serão abandonados comportamentos que não condizem com os ensinamentos de Jesus Cristo e se passará a uma vida nova, renovada pela transformação espiritual (4,23).

A adesão à vida cristã implicará numa mudança fundamental de comportamentos, na qual antigas atitudes serão deixadas de lado. “Sede bondosos e compassivos uns com os outros, perdoando-vos mutuamente, como Deus em Cristo vos perdoou” (4,32). Oxalá tomemos esta frase como mantra em nossas relações!

Uma expressão, no entanto, ainda no capítulo 4 chama nossa atenção: “irai-vos, mas não pequeis. Não se ponha o sol sobre a vossa ira nem deis lugar ao diabo” (4,26). É curiosa essa mentalidade: a ira e o pecado não se equivalem, como a dizer que é possível enraivecer-se, - porque isto é um sentimento humano legítimo - mas isto não significa uma ação pecaminosa, fruto de divisão.

O Papa Francisco parece ter a mesma compreensão: “Experimentar uma emoção não é, em si mesmo, algo moralmente bom nem mau. Começar a sentir desejo ou repulsa não é pecaminoso nem censurável. O que pode ser bom ou mau é o ato que a pessoa realiza movida ou sustentada por uma paixão. Pois, se os sentimentos são alimentados, procurados e, por causa deles, cometemos más ações, o mal está na decisão de os alimentar e nos atos maus que se seguem” (*Amoris Laetitia*, n. 145).

A conclusão de todo este pensamento pode estar no primeiro versículo do capítulo 5: “tornai-vos, pois, imitadores de Deus, como filhos amados e andai em amor, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de suave odor” (5,2). A motivação é imitar a Deus na pessoa de Cristo. Isto implicará no amor-doação, ofertada não como um sacrifício penoso, mas com bom ânimo.

“Procurai discernir o que é agradável ao Senhor” (5,10), ou seja: no cotidiano da vida será sempre importante confrontar as disposições, os comportamentos, com aquilo que esteja em consonância com a vida prometida por Deus. Mais à frente repetirá a ideia: “procurai conhecer a vontade do Senhor” (5,17). Papa Francisco mais uma vez nos faz recordar que o discernimento, uma vez realizado, não se apresenta como algo

pronto; mas ao contrário, será um movimento constante de busca pela vontade do Senhor: “Lembremo-nos que este discernimento é dinâmico e deve permanecer sempre aberto para novas etapas de crescimento e novas decisões que permitam realizar o ideal de forma mais completa” (*Amoris Laetitia*, n. 303).

A ideia seguinte, quando distorcida, é muito utilizada para demonstrar a sujeição da mulher para com o homem, porém, indica igualmente o correspondente aos maridos, os quais devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos (5,28). A relação familiar é equivalente à relação entre Cristo e a Igreja, manifestada como amor, doação e entrega.

Estamos citando trechos da Exortação *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família e, ao citar este pensamento da Carta aos Efésios (5, 23), o Papa se mostra realista ao tomar esta metáfora da união entre Cristo e a Igreja para apresentá-las aos casais como modelo de perfeição: “não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimônio como sinal implica um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus” (*Amoris Laetitia*, n. 122). As palavras finais são sugestivas: processo dinâmico, gradualidade, progressiva. Mais uma vez: não estamos prontos, mas a caminho.

O texto continua falando da relação entre pais e filhos e da relação entre servos e senhores sabendo que o “Senhor deles e vosso está nos céus e que não faz acepção de pessoas” (6,9). Esta afirmação é uma das grandes pautas da atualidade, uma vez que os conflitos religiosos se espalham por todo canto e, com frequência, nos deparamos com certa elitização religiosa a despeito de outras crenças. Empunhar um estandarte dizendo em letras garrafais que “Deus não faz acepção de pessoas”, com todas as consequências que daí derivam, certamente é uma grande profecia em nossos dias.

Preparar-se para o combate

A Carta aos Efésios termina com uma convocação bélica contra os dominadores do mundo de trevas, contra os espíritos do mal. A motivação é revestir-se de artefatos de guerra, calçar os pés, usar escudo, empunhar dardos inflamados, colocar capacete e levantar a espada. No entanto, resta saber que artefatos são estes: “Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, empunhando o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus” (6,14-17).

A carta termina com um cunho mais pessoal, pedindo inclusive as orações da comunidade para si, “para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho, do qual sou embaixador acorrentado. Oraí, pois, a fim de que eu encontre neste Evangelho a ousadia necessária para falar dele como devo (6,19-20).

A autoridade do autor quando pede orações à comunidade nos mostra uma atitude de humildade de alguém que não se considera pronto, mas que está em processo de discernimento e de busca de fidelidade. Papa Francisco frequentemente pede a mesma coisa. Quem se considera pronto não precisa mais que rezem por ele!

Chama a atenção a expressão “Embaixador acorrentado” (6,20) que soa como uma contradição, uma vez que é típico do embaixador uma vida de mobilidade. Essa imagem poética simboliza muito bem a condição humana e, no caso da vocação cristã, indica a um só tempo, nossa potencialidade para o anúncio e as limitações, os grilhões, que nos são apresentados ou que muitas vezes nós mesmos nos impomos.

É frequente a ideia de libertar as pessoas de suas condições, mas aqui se trata de uma auto-libertação, ao reconhecer que há grilhões pessoais e estruturais a serem vencidas, a fim de que o mensageiro anuncie com mais ousadia o santo Evangelho.

Em seguida um convite, as orações e súplicas, a vigilância com perseverança e a saudação final de paz, amor e fé. “A graça esteja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene”.

Últimas considerações

“Toda escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida. Ela nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo” (2Tm 3,16) e a Carta aos Efésios não é diferente.

É sempre inspirador poder recorrer ao passado, em contextos e personagens tão diferentes, e encontrar iluminações válidas para a nossa vida e as nossas relações; é sempre importante refletir sobre como temos exercido o poder e a autoridade nas diversas comunidades cristãs, um exercício que nos pede constantemente conversão e mudança de vida.

Tantos outros aspectos poderão ser evidenciados a partir da Carta aos Efésios, proposta para o mês da Bíblia deste ano, mas acreditamos que as intuições aqui apresentadas podem ajudar a uma melhor adesão da vida cristã, bem como nos nossos relacionamentos interpessoais, e na maneira de enfrentar os diversos desafios do mundo atual.

Como dissemos no início, adotamos aqui uma interpretação livre do texto, não focada em elementos exegéticos. Estamos conscientes das limitações da reflexão apresentada e convidamos a leitura com novos olhares. Como nas parábolas, é sempre empolgante ver o texto ganhar interpretações sempre novas!

A Carta aos Efésios nos apresenta questões e sentimentos práticos tanto no relacionamento entre as pessoas, quanto na maneira como a comunidade se comporta e compreende o mistério do Senhor Ressuscitado, Senhor da história.

REFERÊNCIAS

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social, 2020.

_____. Exortação Apostólica pós-Sinodal, *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família, 2016.

_____. *Misericordiae Vultus*: Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, 2015.

HAVENER, Ivan, Efésios, in: BERNANT Dianne e KARRIS Robert, org. Comentário Bíblico, São Paulo: Loyola, 1999, v. 3, p. 245-52.

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA, Mês da Bíblia 2023, Carta aos Efésios. São Paulo: Paulinas, 2023.

XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão (outubro de 2023). Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/POR_INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf](https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/POR_INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf).